

## O COMPLEXO DO POMBO ENXADRISTA NO MEIO EVANGÉLICO

---



"[9] Não se envolva em discussões tolas sobre genealogias intermináveis, nem em disputas e brigas sobre a obediência às leis judaicas. **Essas coisas são inúteis, e perda de tempo.** [10] Se alguém tem causado divisões entre vocês, adverta-o uma primeira e uma segunda vez. Depois disso, não se relacione mais com ele. [11] Tais indivíduos se desviaram da verdade e condenaram a si mesmos com seus pecados." (Tito 3.9-11 – Nova Versão Transformadora)

O conceito psicológico do “complexo do pombo enxadrista”, “síndrome do pombo enxadrista” ou “complexo do pombo xadrezista”, surgiu primariamente do comentário feito em 2005 pelo cientista de dados Scott David Weitzenhoffer, a respeito do livro “*Evolucionism Vs Creationism: An Introduction*”, de Eugenie Scott: “*Debater com criacionistas sobre o tópico evolução é comparado a tentar jogar xadrez com um pombo – ele derruba as peças, defeca no tabuleiro e volta voando para seu bando para cantar vitória*”. Com o tempo, a frase se popularizou, seu conceito foi expandido e passou a ser utilizado como ironia para descrever o comportamento de um dos lados em uma discussão, onde um lado – invariavelmente o menos provido de argumentos sólidos, referências e bases técnico-científicas, ou até inteligência – age com infantilidade. Normalmente em discussões, o lado mais fraco (mentalmente) quando fica sem contra-argumentos, cai em falácias e começa a agredir verbalmente o interlocutor, para, em seguida, sair “cantando vitória”. É o que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) chamou de “falácia da falsa proclamação de vitória”, que consiste em dar respostas sem conteúdo, ou tolas e esteticamente “bonitinhas” ao adversário, para passar a falsa impressão de ter vencido o debate diante dos expectadores mais ingênuos. Trata-se de uma técnica inferior de erística<sup>1</sup>.

Nos dias atuais, infelizmente, **a massa evangélica perdeu a capacidade de dialogar**. O meio evangélico sempre foi palco de debates de temas relevantes para a fé, e úteis para o nosso conhecimento e posicionamento diante do mundo. Mas, também, desde o início, nele se travou batalhas em torno de coisas totalmente acessórias, secundárias, sem grande valor perto do que de fato é importante. O resultado não é nada proveitoso. Gasta-se energia. Perde-se tempo e amizades. Divide-se a igreja em grupos e facções. Na vida sempre há coisas que são essenciais..., mas também tem aquelas que são apêndices. Ao transformar coisas secundárias em principais se inverte a prioridade. **Sabedoria é saber discernir o que é importante e o que é irrelevante.**

---

<sup>1</sup> **Erística.** É a arte ou técnica da disputa argumentativa no debate filosófico, empregada com o objetivo de vencer uma discussão e não necessariamente de descobrir a verdade de uma questão.

Na passagem bíblica acima, o apóstolo Paulo orienta a Tito a não perder tempo discutindo o que é secundário: *“Não se envolva em discussões tolas sobre genealogias intermináveis, nem em disputas e brigas sobre a obediência às leis judaicas. Essas coisas são inúteis, e perda de tempo”* (v. 9). Há muitas coisas na Bíblia que eram exigências locais e que se tornaram relativas, não essenciais, fora daquele contexto: uso do véu para cobrir a cabeça, a fala da mulher na igreja, comer certos tipos de alimentos etc. Mas hoje em dia é comum nos depararmos com cristãos sempre “preocupados” com assuntos secundários, que não produzem nada além de problemas doutrinários e relacionais. Sobre gente assim, o apóstolo Paulo faz o seguinte alerta: *“Digo mais uma vez: não se envolva em discussões tolas e ignorantes que só servem para gerar brigas. O servo do Senhor não deve viver brigando, mas ser amável com todos, apto a ensinar e paciente. Instrua com mansidão aqueles que se opõem, na esperança de que Deus os leve ao arrependimento e, assim, conheçam a verdade”* (2Timóteo 2.23-25 – NVT).

Há muitos cristãos que querem crescer em conhecimento bíblico apenas para discutir teologia com certos tipos de pessoas. Equivocados, muitos pensam que agir assim é sinônimo de sabedoria, quando na verdade, tais discussões não geram resultado positivo algum na vida de quem os ouve ou de quem está debatendo. Precisamos voltar os nossos olhos para as coisas que permanecem absolutas nas Escrituras, e sua validade é inquestionável tanto hoje como no passado: o amor, a misericórdia, a prática da justiça, a importância de “andar no Espírito”, o “renovar a mente”, o “viver em santidade” etc.

Precisamos entender que Bíblia não se discute... Bíblia se ensina! O legítimo estudante da Palavra de Deus *“deve estar plenamente convicto da mensagem fiel que lhe foi ensinada, de modo que possa encorajar outros com o verdadeiro ensino e mostrar aos que se opõem onde estão errados. Pois há muitos rebeldes que promovem conversas inúteis e enganam as pessoas”* (Tito 1.9-10 – NVT). Em primeira instância, o estudo bíblico não visa o aumento do nosso conhecimento, mas a transformação da nossa vida. Como disse certa vez, o evangelista inglês William Henry Houghton (1887-1947), *“a Bíblia dá a si mesma o nome de alimento. O valor do alimento não está na discussão que ele suscita, mas na nutrição que fornece”*. De modo que o Evangelho não é uma discussão e nem um debate. É uma proclamação.

Portanto, o nosso maior desafio não é “fazer” teologia, mas, sim, pensar teologicamente dentro dos parâmetros das Escrituras. Uma vez feito isso, que as nossas conversas sejam sempre amistosas e agradáveis, a fim de que tenhamos a resposta certa para cada pessoa. (cf. Colossenses 4.6). Entrar em certos debates raramente será proveitoso. O melhor é fugir da contenda, não entrar em questões loucas, evitar discussões inúteis e prosseguir com mansidão no ensino da Palavra de Deus. Afinal, como teólogo australiano Leon Morris (1914-2006) bem observou, *“a ‘Bíblia’ foi o único livro que Jesus citou, e isso nunca como base para uma discussão, mas para resolver uma questão”*.